
Uma perspetiva comparativa sobre a migração portuguesa

Entrevista com Caroline Brettel

Cláudia Pereira

Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL),
Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-IUL), Lisboa, Portugal

OEm Conversations With 10

novembro de 2018

Doutorada em antropologia pela Universidade de Brown, EUA, também foi aí que Caroline Brettel fez o Master of Arts. É licenciada em Estudos Latino-Americanos pela Universidade de Yale. Em 2009 foi nomeada University Distinguished Professor da Southern Methodist University, nos EUA, onde leciona. É diretora do Dedman College Interdisciplinary Institute. Os seus principais interesses de investigação centram-se nas migrações, na intersecção entre a antropologia e a história, na demografia histórica, no género e no transnacionalismo. Desde os anos 1970 tem desenvolvido trabalho de terreno entre os emigrantes portugueses no Canadá, em França, nos EUA e, no Minho, entre os familiares daqueles, neste caso para analisar os impactos da emigração no país de origem.

Palavras-chave Emigração portuguesa, emigração portuguesa para França, emigração portuguesa para o Canadá, mulheres na emigração, interdisciplinaridade no estudo das migrações.

Title **Broad comparative perspective of Portuguese migration**

Abstract With a PhD in anthropology from Brown University, USA, Caroline Brettel also did the Master of Arts. She holds a BA in Latin American Studies from Yale University. In 2009 she was named University Distinguished Professor of Southern Methodist University, USA, where she teaches. She is the director of the Dedman College Interdisciplinary Institute. Her main research interests are centered on migration, the intersection between anthropology and history, historical demography, gender and transnationalism. Since the 1970's she has been developing fieldwork among Portuguese emigrants in Canada, France, the USA and in Minho, among their families, in this case to analyze the impacts of emigration in the country of origin.

Keywords Portuguese emigration, Portuguese emigration to France, Portuguese emigration to Canada, women in emmigration, interdisciplinarity in migration studies.

Observatório da Emigração (à frente OEm) – Talvez possa começar por dizer como a emigração portuguesa entrou na sua vida...

Caroline Brettel (à frente CB) – Não existe qualquer ligação com a minha vida pessoal.

Lembro-me que, em 1976, numa conferência em Toronto – onde há uma grande comunidade portuguesa – vinham pessoas perguntar-me no fim “a senhora é portuguesa”? E eu disse “não, de forma nenhuma”. E elas responderam, “mas percebe-nos tão bem”.

OEm – Portanto, na altura falava português?

CB – Quando eu era estudante na Universidade de Yale, estava a especializar-me em estudos latino-americanos e uma das condições para a especialização era aprender espanhol e português. No meu último ano da licenciatura tive um curso intensivo de português e, quando estava a candidatar-me para antropologia – a disciplina que decidi prosseguir no meu doutoramento –, notei que a Universidade de Brown tinha um Programa em Antropologia Urbana. O meu ensaio em Yale tinha sido em migração rural-urbana, a migração do campo para as cidades, na América Latina. Portanto, eu estava muito interessada em Antropologia Urbana. Candidatei-me ao Programa de Doutoramento e, quando fui aceite, tive a hipótese de, no verão antes de começar, trabalhar num grande projeto que eles tinham sobre imigração na área de Rhode Island, na cidade de Providence em particular.

OEm – Onde moram muitos portugueses?

CB – Exatamente! Então, nesse Verão, como eu tinha acabado de aprender a língua, comecei a trabalhar com algumas populações portuguesas imigrantes na área de Rhode Island. Portanto, foi mesmo através da língua que comecei a estudar imigrantes portugueses. No Verão seguinte tivemos de fazer um projeto de pesquisa no terreno e a seguir escrever um artigo para publicar. E descobri que Toronto tinha uma comunidade imigrante grande. Fui para Toronto e vivi no que se chama a área do mercado de Kensington, um mercado de rua no centro da cidade, num bairro de imigração, e as chegadas mais recentes a esse bairro tinham sido de portugueses, na sua maioria famílias dos Açores. Eu vivia numa casa com duas famílias açorianas, tinha um quarto no sótão. Passei dois meses nesse bairro e o primeiro artigo que publiquei, sobre “empreendedores étnicos”, foi baseado nessa investigação de Verão. Nessa casa, um dos homens tinha passado tempo em França, antes de ter ido para o Canadá. E conversei com ele sobre a migração de portugueses para França, porque eu estava à procura de um projeto para a minha dissertação de doutoramento em antropologia. O que me intrigava sobre a migração para França é que era, obviamente, muito mais fácil para os portugueses movimentarem-se para trás e para a frente entre Portugal e França, não havia um Oceano Atlântico no meio. Nessa altura, não havia o conceito de transnacionalismo. Não havia modos tão fáceis de as pessoas viajarem para trás e para a frente e de comunicarem como há

agora. Então, eu achei que o oceano dividia, separava as pessoas da sua sociedade emissora; eu estava realmente interessada na possibilidade dos movimentos de idas e vindas que a migração para França representava.

OEm – Quando é que foi esse estudo?

CB – Eu estive em Toronto no Verão de 1972.

OEm – Há 40 anos...

CB – Oh meu Deus! Então, a outra coisa que me aconteceu foi que eu era aluna da Louise Lamphere e ela foi uma das fundadoras da tão falada antropologia do género. Ocorreu-me que toda a gente pensava que a migração era característica dos homens e eu pensei “bem, ninguém trabalhou sobre mulheres imigrantes”. Desenvolvi uma proposta de investigação para estudar as mulheres imigrantes em França e comecei a investigação no Verão de 1974 com financiamento do Social Science Research Council (Conselho de Investigação de Ciência Social) dos Estados Unidos, assim como o equivalente no Canadá. Cheguei a França em julho de 1974, onde conheci Colette Callier Boisvert, uma antropóloga francesa, que trabalhou em Portugal nos anos de 1960, e penso que também a Maria Beatriz Rocha-Trindade estudou os portugueses em França. A revolução aconteceu em Portugal, mas os imigrantes em França não eram um objeto de estudo alargado como agora...

OEm – Tinha que ser alguém de fora a ver que era importante.

CB – Temos de lembrar-nos, também, que o contexto político em Portugal fez uma grande diferença para os cientistas sociais. Tudo se abriu depois da mudança. Um dos primeiros artigos que publiquei, com base nessa investigação, intitulava-se “A comunidade étnica é inevitável?”. Em Toronto há esse bairro dominado pelos portugueses (um “enclave étnico”), tal como a área tinha sido dominada por outras populações recém-chegadas antes deles. Pelo contrário, em Paris a população portuguesa dispersou-se pela cidade e subúrbios nos grandes edifícios de habitação social (HLM ou Habitations a Loyer Moderée). Dentro da cidade, viviam onde as mulheres conseguiam trabalho, ou como porteiras que viviam no primeiro andar desses edifícios de apartamentos, ou como empregadas que viviam no sexto andar. Então, eu tinha chegado com esses modelos teóricos aplicados ao estudo da imigração norte-americana, mas que não funcionavam no contexto europeu. Eu precisava de compreender a cidade de forma diferente e, em especial, como os imigrantes se fixavam nelas. Estive um ano a trabalhar com famílias imigrantes portuguesas em França e, depois, para completar a minha investigação, passei seis meses mesmo em Portugal, porque eu queria olhar para as mulheres que ainda não eram migrantes – e cujos maridos estavam no estrangeiro, mas que tinham escolhido ficar.

OEm – Portanto, queria estudar as mulheres dos migrantes, que tinham ficado no Norte de Portugal?

CB – No Verão de 1975, deixámos França e fomos para Portugal, e os migrantes também estavam a voltar para as “festas”. O plano era encontrar uma comunidade que tivesse tido o impacto da emigração para França, e acabámos no Minho, numa aldeia perto do rio Lima. Passámos seis meses lá e eu falava com mulheres cujos maridos estivessem em França, tendo-as deixado para trás. Eu terminei a minha dissertação com base nessa pesquisa e, pouco depois disso, publiquei *We Have Already cried Many Tears. The Stories of Three Portuguese Migrant Women*, em 1982 (foi republicado, numa 2ª edição, em 1995), que foi um livro baseado em histórias de vida de três mulheres que eu tinha conhecido em França. Depois, voltei-me para o projeto principal seguinte. Quando eu estava na aldeia em Portugal, analisei registos de nascimento, casamento e morte na igreja da aldeia.

OEm – No Minho?

CB – Sim. Deixei Portugal em janeiro de 1976 e fomos para Oxford durante seis meses, a seguir voltei para os Estados Unidos e fomos para a Universidade do Texas, em Austin....

OEm – Quando diz “nós”, é mais quem ...?

CB – O meu marido. Ele é historiador, especialista em impressionismo, e estava a escrever a sua dissertação no Minho. Estava a trabalhar sobre um pintor impressionista francês chamado Camille Pissarro, que tinha pintado a vida rural em França, e estava a ver a persistência dessa vida rural no Norte de Portugal. Ele gostou dessa experiência....

OEm – Ok.

CB – Escrevi a dissertação em Austin e obtive o doutoramento em 1978. Pouco tempo depois de chegar a Austin eu conheci um demógrafo historiador, um colega jovem chamado Myron Gutmann, que tinha trabalhado na Bélgica, e que estava a ensinar num seminário sobre história da família e demografia histórica, no qual me inscrevi. De repente apercebi-me que podia basear-me nesses registos da paróquia que tinha visto na aldeia em Portugal e fazer um estudo mais histórico sobre o impacto secular da emigração na vida da aldeia e nas vidas das mulheres que tinham ficado. Portanto, candidatei-me para uma bolsa de pós-doutoramento, e consegui-a, e passei os anos entre 1978 e 1980 a fazer investigação nesse projeto. Isso levou-me de volta a Portugal, eu tinha de recolher sistematicamente todos os registos da paróquia. Passei muito tempo em Braga, onde esses registos paroquiais estavam na altura; depois mudaram para Viana do Castelo. Em todo o caso, essa investigação foi a base do meu segundo livro, *Men Who Migrate, Women Who Wait*, que foi publicado pela Princeton University Press

em 1986, e depois foi traduzido e publicado em português pela editora Dom Quixote, não me lembro do ano ...

OEm – Penso que foi em 1986... Em português chama-se Homens que Partem, Mulheres que Esperam. Quando eu estava a fazer a minha licenciatura, no meu terceiro ano eu tive de fazer um trabalho sobre o livro...

CB – Ok. A Maria Baganha disse-me, uma vez, que tinha “inveja” do meu título.

OEm – É, de facto, um bom título.

CB – Quando submeti o original a Princeton, o título era Um Padrão de População, e ambos os leitores que avaliaram o texto disseram “é um livro maravilhoso, mas o título precisa de ser trabalhado”. Um dia eu estava a voltar para casa no Chicago El (comboio público) e, de repente, *Men Who Migrate, Women Who Wait* surgiu-me na cabeça. Telefonei à editora de Princeton e disse-lhe “aqui tem o título” e ela disse, “é bom, eu gosto”. Eu acabei aquele projeto e estava muito interessada, na altura, na relação entre a antropologia e a história. Então, voltei a Portugal no início dos anos 1990... fiz vários artigos sobre regimes de propriedade e herança e sobre a economia rural moral. Mas eu diria que o meu trabalho em Portugal acabou algures em meados dos anos 1990... comecei a ficar muito interessada na questão da imigração nos Estados Unidos; o meu pai estava com muita idade e eu não queria ir e ficar longe, estive então a acabar a minha pesquisa em Portugal. Então, estava à procura de um projeto mais perto de casa via que a cidade de Dallas (para onde mudámos, de Chicago, em 1988) estava a ficar mais e mais diversificada, muito por causa das populações que estava a mudar-se para essa área. Eu fazia parte de um estudo baseado na nova imigração para a área de Dallas Fort Worth, financiado pela National Science Foundation/Fundação Nacional da Ciência, com início em 2001. A esse projeto seguiu-se um outro financiado por outra antropóloga, Deborah Reed-Danahay – sobre práticas de cidadania dos imigrantes. O meu enfoque na última década na área de Dallas tem sido sobre imigrantes indianos. De facto, o projeto sobre goeses em Lisboa (que eu fiz durante o Verão de 2005) começou porque eu conheci alguns goeses que estavam a viver na área de Dallas, através de um amigo, e interessei-me em saber mais sobre os goeses que saíram da Índia em 1961 e foram para Lisboa. Publiquei um artigo baseado nesta investigação na *Portuguese Studies Review*. Em 2003 fiz uma coleção chamada *Anthropology and Migration*, que na realidade consistiu numa compilação de ensaios sobre os imigrantes portugueses, rearranjados com novas introduções temáticas. Mesmo no contexto dos Estados Unidos não se falava muito sobre os portugueses, sabe? Não estão situados no debate alargado sobre as imigrações do final do século XIX; os italianos e os judeus dominam o discurso. E mesmo nas imigrações mais recentes, dá-se o mesmo caso, embora os portugueses tenham começado a chegar logo

a seguir à reabertura da imigração pelos Estados Unidos em 1965. O meu objetivo era, então, juntar esses ensaios para mostrar que os portugueses foram uma importante corrente de migração nos Estados Unidos no final do século XIX e, novamente, logo a seguir a 1965. Foi por isso que decidi fazer essa coleção e demonstrar que havia um conjunto de questões teóricas importantes que podiam ser exploradas através da lente dos imigrantes portugueses.

OEm – É muito em 40 anos! Quando começou o seu enfoque na migração portuguesa, em 1972, e mais tarde na sua pesquisa em Portugal, penso que a migração não era um tópico importante para os investigadores – sem falarmos nos que trabalharam sobre a migração história para o Brasil. Como é que se sentia, nessa altura, com a inovação associada à sua escolha?

CB – Bem, eu tenho duas respostas. Havia alguns, como a Beatriz Rocha-Trindade, que trabalhou primeiro em França; Victor Pereira da Rosa trabalhou sobre os portugueses no Canadá; também Grace Andersen e David Higgs trabalharam sobre o Canadá; e ainda outros. E eu penso, também, que havia muitas outras questões teóricas para serem vistas através a análise da experiência da imigração portuguesa; e eu fui uma das primeiras pessoas a reconhecer a importância do estudo da experiência das mulheres migrantes. E em 1986, Rita Simon e eu publicámos um livro chamado *International Migration: The Female Experience*, uma das primeiras declarações sobre as mulheres imigrantes. Em 1978, um painel para uma sessão sobre migração de retorno foi proposto para o *Annual Meeting of the Anthropological Association* e eu ia fazer parte, mas foi recusado. Nessa altura, não pensaram que o tópico era importante – era muito à frente do seu tempo... Desde aí, a migração de retorno tornou-se uma área de investigação e vários novos volumes foram publicados. O novo conceito de transnacionalismo lida, num certo sentido, com estas questões do retorno ou, pelo menos, com estas conexões que os imigrantes mantêm com a sua origem; eu reconheci algumas destas ligações entre os portugueses nos anos 1970. Eu acho que os meus estudos sobre imigração são muito interdisciplinares. Foi muito interessante ver como a questão da imigração, especialmente como projeto europeu, se expandiu, e como Portugal se tornou um país de imigração.

OEm – Podia dizer-nos qual era a principal questão na sua investigação em Toronto?

CB – Bem, eu estava a viver num bairro específico de mercado e de enclave imigrante e notei a importância dos “intermediários culturais”. Ou seja, eram pessoas que tinham agências de viagens, ou padres de igrejas, que atuavam como “porteiros” (*gatekeepers*), de alguma forma traduzindo a sociedade canadiana mais alargada para os imigrantes portugueses, e ajudando-os a adaptar-se ao processo de migração e integração.

OEm – Também estavam a fechá-los relativamente à sociedade canadiana?

CB – Em certos aspetos sim, estavam a manter a fronteira entre a comunidade imigrante e a sociedade canadiana mais alargada, porque os portugueses entraram sem competências de língua e o papel das agências de viagens era particularmente interessante porque ajudavam os portugueses a preencher formulários, a arranjar trabalho e, ao mesmo tempo, estavam a vender-lhes bilhetes aéreos e a, portanto, promover o seu negócio. Eram empreendedores que mantinham a fronteira étnica; este era o tópico de um artigo em 1977 e depois desenvolvi a mesma pesquisa em 1981 para o artigo “A comunidade étnica é inevitável?”. Depois, a segunda geração era perfeitamente capaz na linguagem da sociedade recetora, mas eu estudei os portugueses em Toronto em 1972, e nessa altura tratavam-se principalmente da primeira geração.

Outra coisa importante que quero salientar é que, porque trabalhei entre os portugueses no Canadá, em França, nos Estados Unidos e muito em Portugal, tenho esta perspetiva comparativa alargada sobre a migração portuguesa. Penso que é importante para os académicos da imigração terem uma perspetiva comparativa seja por trabalharem com diferentes populações imigrantes numa sociedade, seja por trabalharem em diferentes sociedades recetoras. Isto também guiou o meu trabalho.

OEm – E na pesquisa seguinte sobre os portugueses em França, qual foi o principal tópico que queira agora realçar?

CB – Bem, antes de mais, era pioneiro olhar para a experiência das mulheres emigrantes. Se olhar para a literatura mais alargada sobre o género e migração, emerge de forma mais marcada nos anos 1990 e eu publiquei o livro baseado na história de vida das três mulheres migrantes *We Have Cried Many Tears* em 1982, portanto isso foi cerca de 10 anos antes. Penso que a minha contribuição é na apreensão da experiência emigrante feminina e lançar o terreno para o género como uma importante categoria analítica no estudo da migração. Também penso que o trabalho ilustra a variedade de mulheres emigrantes. Apreendi a experiência: de mulheres solteiras que emigraram para França; de mulheres casadas que se juntaram aos maridos no estrangeiro e deixaram os filhos em Portugal; e de mulheres casadas que trouxeram os seus filhos e se juntaram ao cônjuge no estrangeiro. A questão de as mulheres, sejam mulheres europeias nessa altura, ou mulheres mexicanas atualmente, deixarem os seus filhos na origem, tornou-se muito mais importante, mas eu documentei esta estratégia de migração para os portugueses num período anterior. Também havia mulheres que iam com os seus maridos e os seus filhos para França. Estas crianças cresceram e tornaram-se cidadãos franceses. Os pais vieram com a ideia de possivelmente retornarem a Portugal, mas os seus filhos estabeleceram-se em França e a terceira geração de portugueses que vivem hoje em França está muito bem incorporada no tecido da sociedade francesa.

Assim, eu diria que as seguintes contribuições emergiram da investigação em França:

1) o género é uma variável importante no estudo da migração; 2) a experiência das mulheres emigrantes é muito diversificada, em especial quando situada no contexto familiar.

OEm – Mudou para Portugal e fez trabalho de terreno no Minho sobre as mulheres migrantes que ficaram quando os seus maridos migraram, que também era pioneiro.

Talvez possa dizer qual é a principal contribuição desse estudo...

CB – Primeiro, esse trabalho estava localizado num discurso académico mais alargado sobre história familiar e demografia histórica, mas chamava a atenção para o caso português.

A minha investigação envolveu fazer história oral e trazer outro tipo de dados, para suportar a análise dos registos paroquiais com o objetivo de explorar o impacto da migração nos padrões de casamento e fertilidade desde o século XVIII ao XX.

OEm – Outra contribuição era o tema, ou seja, abordar o impacto da migração do ponto de vista das famílias que ficaram em Portugal ...

CB – Sim, abordar o impacto da migração nestes outros padrões demográficos, como os padrões de casamento, padrões de propriedade, etc. Em 1975, primeiro olhei para os registos paroquiais e depois concebi o projeto, e retornei algumas vezes a Portugal para recolher mais dados mais sistematicamente. A razão pela qual me atraíam estas questões era porque a literatura antropológica já dizia sobre a Europa do Sul que a “honra e vergonha” estavam a substituir um quadro que explicava a ideologia de género. Eu pensei, “bem, o que está a acontecer no Norte de Portugal?”. Por exemplo, havia o agora clássico ensaio de Jane Schneider, *Of Vigilance and Virgins* baseado na investigação na Sicília. Eu descobri taxas elevadas de nascimentos fora do casamento nos registos paroquiais e perguntei-me “porque é que isto está a acontecer?”. Não é certamente sobre virgens que sejam vigiadas.

Eu argumentei que a ausência dos homens nas aldeias pode estar relacionada com isso; para algumas mulheres a única oportunidade de terem filhos era terem-nos fora do casamento porque eram deixadas fora do mercado do casamento. Por outras palavras, também era associado com uma taxa elevada de celibato feminino.

OEm – Foi fácil para si aceder aos registos paroquiais? Facilitaram-lhe o acesso?

CB – É uma questão interessante. Quando eu apareci nos arquivos de Braga, era lá que estavam, mas nos anos 1990 mudaram para Viana do Castelo, perguntei para ver os registos. Ninguém percebia porque é que eu estava interessada neles. Nunca levei um computador para o terreno, fazer fotocópias no fim dos anos 1970 e anos 1980 era muito caro, por isso eu tinha que transcrever à mão todos os registos. A tecnologia desenvolveu-se à medida que a minha carreira também se desenvolveu. Na realidade, no arquivo de Braga havia uma pessoa que não

me dava o acesso a alguns registos, só quando mudaram para Viana pude vê-los, e devo dizer que as pessoas que trabalhavam no arquivo de Viana não poderiam ter sido mais simpáticas. Eu estava a trabalhar dia após dia e deram-me todo o acesso par ver os registos sobre crianças abandonadas e, mais importante que isso, os registos notariais deram-me a perspetiva sobre a transferência de propriedade, entre outras coisas.

OEm – Para finalizar, gostaria de dizer alguma coisa suplementar sobre a sua investigação acerca da migração portuguesa?

CB – Penso que há dois tipos de antropólogos: os que voltam sempre ao mesmo sítio, ou a mesma aldeia, assim olhando para um único lugar ao longo do tempo e com diferentes tipos de questões; e depois há os antropólogos que se movimentam. Eu penso que me posiciono na última categoria, onde a questão principal de ligação é o estudo da emigração e imigração. Estudei os imigrantes em diferentes sociedades recetoras, no início da minha carreira e o elemento de ligação eram os portugueses, mas mudei para outras populações imigrantes mais recentemente. A dimensão comparativa é útil: há semelhanças, mas também muitas diferenças.

[Entrevista realizada via skype a 12 de novembro de 2012,
revista para publicação em setembro de 2018.]

OEm

Observatório da Emigração

O Observatório da Emigração é uma estrutura técnica e de investigação independente integrada no Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-IUL), do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, onde tem a sua sede. Funciona com base numa parceria entre o CIES-IUL, o Centro de Estudos Geográficos (CEG), da Universidade de Lisboa, o Instituto de Sociologia (IS-UP), da Universidade do Porto, e o Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações (SOCIUS), da Universidade de Lisboa. Tem um protocolo de cooperação com o Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Série	OEm Conversations With, 10
Título	Uma perspetiva comparativa sobre a migração portuguesa: entrevista com Caroline Brettel
Autor	Cláudia Pereira
Editor	Observatório da Emigração, CIES-IUL, ISCTE-IUL
Data	novembro de 2018
ISSN	2183-718X (online)
DOI	10.15847/CIESOEMCW102018
URI	http://hdl.handle.net/10071/18039

Como citar Pereira, Cláudia (2018), "Uma perspetiva comparativa sobre a migração portuguesa: entrevista com Caroline Brettel", *OEm Conversations With*, 10, Lisboa, Observatório da Emigração, CIES-IUL, ISCTE-IUL. DOI 10.15847/CIESOEMCW102018

www.observatorioemigracao.pt



Parceiros



Centro de Estudos Geográficos
IGOT - UNIVERSIDADE DE LISBOA



Apoios



REPÚBLICA
PORTUGUESA

MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS



COMUNIDADES
PORTUGUESAS